

A FABRICAÇÃO DO BRASIL

André Luiz Joasilho

CLAVAL, P. *La Fabrication du Brésil, une grande puissance en devenir*. Paris, Éditions Belin, 2004.

Como apresentar o nosso país para um público estrangeiro sem cair em lugares-comuns ou explicações fáceis? Esse é o empreendimento do geógrafo Paul Claval, professor emérito da Universidade de Paris-Sorbonne, de longa e importante carreira universitária. *La Fabrication du Brésil, une grande puissance en devenir* – publicado em outubro de 2004 – é um grande manual sobre o Brasil, sem fazer concessões aos clichês ou às análises superficiais. O livro é dividido em três partes: “A construção do espaço e do povo brasileiro do século XVI ao século XX”; “Modernidade e gênese de uma grande potência” e “Um gigante em mutação”.¹ Em cada uma delas o autor desenha um painel sobre a nossa formação, a nossa cultura e a interação com o meio-ambiente.

Paul Claval é autor de inúmeras obras. Entre elas, *A geografia cultural*, publicada pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, em 2001, livro no qual traça os principais pontos dessa disciplina que busca congrega vários campos de estudos como história, antropologia, geografia propriamente dita, sociologia e meio-ambiente. Ganham destaque a cultura material e suas relações com o meio-ambiente. Para o autor, as marcas que

uma civilização vai deixando no seu meio são resultado do encontro de várias linhas históricas e sociais, não sendo uma simples reação às demandas de um modo de produção. Assim é que o próprio meio-ambiente torna-se um componente cultural da civilização.

Uma das maiores dificuldades para os brazilianistas, quando produzem obras gerais sobre o nosso país, é evitar um ufanismo enviesado. Ao cantarem loas às nossas qualidades multirraciais e multiculturais, deixam de abordar devidamente a nossa formação. E é aqui que reside o problema. Do que somos feitos? Ou, ainda, como fomos feitos e como somos possíveis? Questões difíceis haja vista que boa parte da literatura que as abordou responde superficialmente. A sedução do colorido racial não deixa perceber que a mestiçagem não é única, que somos mestiços em vários sentidos, quer dizer, a nossa sociedade não é apenas uma mistura sexual sem regras. Ela é também resultado de uma intensa negociação social entre as diferentes raças. Negociação cotidiana que o nosso autor relata sem se deixar seduzir integralmente. A sua paixão pelo nosso país extravasa as páginas da sua obra, quando trata das nossas conquistas como povo. No entanto, conduz o leitor aos principais problemas que perturbam a nossa nação, reconhecendo que não

¹ “La construction de l’espace et du peuple brésiliens: XVIe — début XXe siècles”; “Modernité et genèse d’une grande puissance”; “Un géant en mutation”.

fomos fundados uma única vez, mas várias. Portugal pode ter iniciado essa obra, mas não teve controle sobre ela. De início, as populações que surgiam das mestiçagens entre índios, brancos marginalizados e, posteriormente, negros, não tinham fortes vínculos com a metrópole e ficaram quase sempre à sua própria sorte. Quando a coroa portuguesa efetivamente tomou pé da colônia, recorreu aos poderes locais para fazer-se presente, o que incentivou, também, a autonomia de pequenos potentados. O Império não fez diferente e a Primeira República também se apoiou nos poderes locais. Além disso, as populações continuaram a sua própria obra de mestiçagem e colonização, buscando a riqueza em terras longínquas. Com a vinda dos imigrantes europeus e, posteriormente, asiáticos, o processo continuou sem uma intervenção efetiva do poder central que, por sua vez, foi extremamente receptivo à incorporação de formas ideológicas produzidas pelas elites intelectuais em vários momentos da nossa história, e que tratavam, justamente, da nossa capacidade de miscigenação como uma virtude cívica. É claro que, quase invariavelmente, essas ideologias atribuíam maior importância ao branco europeu. Paul Claval, no entanto, apresenta muito mais o homem comum e sua epopéia em terras tropicais.

Assim, o autor nos fornece um quadro bem claro e preciso: a interação do homem e o meio que o circunda. A natureza, exuberante, torna-se um grande desafio, e foi a despeito desse meio ambiente hostil que se fez a civilização brasileira, ou melhor, é com esta natureza que se tornou possível a nossa civilização. E esse fator é lembrado de forma recorrente ao longo da obra. Porém, não só a interação entre homem e natureza é tratada, mas também a interação

entre as sociedades ou entre indivíduos isolados, uma das marcas da nossa colonização, que foi feita muito em função do insulamento dos sujeitos, pois, muitas dessas interações foram feitas entre indivíduos ou grupos sociais (o caso de João Ramalho é lembrado no livro). O autor conjuga e compartilha dos trabalhos clássicos de Gilberto Freire e Sérgio Buarque de Hollanda.

Seguindo a divisão tradicional da nossa história, Paul Claval fornece ao leitor os principais elementos de cada momento histórico, indicando de que forma estes contribuíram para compor o Brasil contemporâneo ou a potência em “evolução”. Por exemplo, na página 108, quando foca a formação das cidades, sem muitas circunvoluções diz: “como os intervalos que definem o vai e vem entre o município e a capital são necessariamente longos, e que Lisboa não é geralmente célere em superá-los, as autoridades locais são conduzidas a tomar decisões provisórias que, freqüentemente, acabam tornando-se permanentes”.² Eis uma das “causas” dos nossos esforços para contornar os entraves burocráticos quando necessitamos lidar com o mundo oficial.

Ao longo do livro vai surgindo uma civilização inédita, feita de pessoas compósitas, muitas vezes rejeitadas nos lugares de origem e que aqui encontraram uma acolhida dura, pelas condições do meio, e enfrentaram com destemor a nova situação. Muito devido a uma religiosidade profunda, formalmente católica, mas não totalmente, por conta do padroado — uma instituição tipicamente brasileira —, que marca o poder de potentados locais, o que também permite, pela sua lassidão, uma religião mestiça. Essa será uma das nossas características mais marcantes, o clientelismo: “O político, na medida pela qual traça os laços de

² “Comme les delais que necessite le va-et-vient entre le *municipe* et la capitale sont nécessairement longs, et que Lisbonne n’est généralement pas pressée de trancher, les autorités locales sont conduites à prendre des mesures provisoires, qui finissent souvent par durer”.

dependência, aparece então como um contrapeso necessário às incertezas da economia. O poder não nasce da possibilidade de fazer, mas daquela de proteger, de conceder favores”.³

Na terceira parte do livro o século XX ganha especial destaque, pois é nele que o autor irá concentrar a sua análise, após indicar os traços coloniais persistentes na nossa cultura. Ele o divide em três grandes períodos: de 1890 a 1930; de 1930 a 1950 e de 1950 a 1980. O primeiro é marcado pela imigração européia, que traz consigo o desenvolvimento agrícola e cidadão para a região Sul, marcando definitivamente o contraste entre o Norte e o Sul do Brasil. O segundo período é dominado pela Era Vargas e o início de uma política industrial. Finalmente, o terceiro seria o momento da decolagem econômica, tornando o país uma potência. Descartando o eufemismo “país em desenvolvimento”, Paul Claval adota claramente a assertiva de que o nosso país não é subdesenvolvido, ele é injusto na distribuição das riquezas. Os bolsões de miséria existentes nas cidades e em muitas regiões do país quase não foram tocados pelo país desenvolvido.

Claval traça um painel social do país nos últimos

anos. A cultura de massas, a religião e os problemas sociais são abordados com muita propriedade. O problema da violência urbana, por exemplo, não é compreendido só como fruto da pobreza ou da falta de Estado, mas é também uma forma cultural. Os “capoeiras” do final do século XIX já são os indícios dessa violência, o que nos faz pensar nos motivos do fracasso de várias ações para acabar com esse grande problema, pois, se faz parte da cultura, deve-se pensar em outras formas de intervenção. O carnaval, para dar outro exemplo, é rapidamente historiado, sem que, com isso, se perca conteúdo. E a conclusão é interessante: a cultura de massas é uma forma de ascender a certo bem-estar que não tem a ver com a riqueza. Em contrapartida, é antidemocrática, porque “ela pressupõe uma desigualdade fundamental entre os homens”.⁴

Dessa forma, Paul Claval trata de uma epopéia, a do homem brasileiro e o meio. E a Geografia Cultural ajuda a compreendê-la, pois o meio, antes de ser um impedimento, é um vetor pelo qual a ação humana se faz presente, interagindo com ele e sendo um dos suportes da cultura material. A natureza exuberante do Brasil forneceu os materiais para que fosse transformada pelo homem, e o transformasse. É dessa incrível luta que trata esta obra de Paul Claval.

³ “le politique, dans la mesure où il tisse des liens de dépendance, apparaît alors comme un contre-poids nécessaire aux aléas de l'économie. Le pouvoir ne naît pas de la possibilité de faire, mais de celle de protéger, d'accorder des faveurs”. p. 59.

⁴ “elle suppose une inégalité fondamentale entre les hommes”. p. 304.